

ANUÁRIO

DO

Liceu Central de Aveiro

ANO LECTIVO DE 1915-1916

bibRIA



AVEIRO

Tip. Minerva Central

1917

ANUÁRIO

— D3 —

Liceu Central de Aveiro

— ♦ ♦ ♦ —
ANO LECTIVO DE 1915-1916

bibRIA



AVEIRO

Tip. Minerva Central

—
1917

ANEXO

Biblioteca Central de Aveiro

bibRIA

AVISO

Este documento encontra-se depositado na

Biblioteca

Relatório

bibRIA

bibRIA

Alocução do Reitor na sessão solene da abertura do ano lectivo

Estatue o regulamento liceal que, em 16 de outubro, se faça a abertura solene d'este instituto. No ano corrente foi este prazo prorogado até hoje para dar margem à conclusão dos exames que *extraordinariamente* foram permitidos, na 2.^a epoca, e que só ontem terminaram.

Para obedecer à letra do regulamento tive a honra de convidar-vos, pois só assim poderia dar solenidade e pompa a um acto de sua natureza tão simples e de mais a mais tão mal servido de officiante, e com desgosto, mas com costumada franquesa devo confessar-vos que fundamente me dóo por não possuir, ao menos hoje, esse condão esse poder prodigioso e quasi sobrenatural, essa magia que deriva da palavra fluente e persuasiva para, em testemunho de reconhecimento, pela vossa gentileza, vos deleitar durante alguns minutos, concorrendo também na medida das minhas escassas aptidões para tornar solene este acto que é incontestavelmente um dos mais honrosos do difficil encargo do reitorado com que os meus illustres colegas se dignaram honrar-me.

Costumava eu apresentar-me aqui, singela-

mente, com a minha palavra espontânea e desataviada, porque sobre mim não sentia o pêsso terrível do adjectivo *solene*, mas sempre desejoso de harmonisar os mais singelos actos do reitor com as exigências da lei, lancei-me em investigação retrospectiva e apurei, por comparação, que esta fôrma de expôr era a que, dada a insuficiencia dos meus dotes oratórios, melhor satisfação daria á exigência do adjectivo.

Tem, em meu entender, dois fins esta solene sessão: um atinente ao passado outro ao futuro.

Assim andamos sempre na vida, recordando com alegria ou saudade o que de nós distante vai, aguardando com esperançosa anciedade o que para nós misteriosa e velozmente vem.

Foi, incontestavelmente, para este instituto um ano feliz, um ano de prosperidade material, o ano escolar que acabou, porque nêle acabaram de se realisar as aspirações de muitos anos, aspirações sempre mantidas com alinco e sempre ludibriadas sem piedade e sem razão.

Tinha a generosidade de um govêrno illustrado e conhecedor das necessidades do ensino, agraciado em 1907 este liceu, por sugestão de filhos illustres dèste distrito com a importante quantia de 11:000 escudos para obras.

Essas obras, começadas com difficuldade, continuadas com morosidade e intermitência, e durante alguns anos paralisadas, fôram no ano presente recommçadas, para o que se conjugaram esforços de tantos que me não é facil enumerá-los e deixar-lhes aqui nominalmente o testemunho perduravel da nossa gratidão, com receio de que algum, por esquecido, se melindre.

Antes do Natal — creio eu — verão elas o seu térmo com a conclusão do vasto ginásio que, no

terreno adjacente ao liceu se ergue, não diremos com magestade, porque detestamos exageros, mas com simplicidade e comodidade que dão gòsto.

As vidraças do edificio que ha 55 anos aguentavam as fúrias dos temporaes sem um leve reparo e que, na sua maioria, principalmente do poente, estavam a desfazer-se, foram todas reformadas e pintadas; e aos telhados, canalisações estuques e pinturas chegou tambem a sua vês.

Levantou-se na sala de sciencias um amplo anfiteatro, creou-se o laboratório químico, ampliou-se o material de sciências fisico-naturaes, e o que é ainda digno de menção — embora em alguns possa determinar o espanto — até se lavaram os paymentos do edificio que quasi durante um ano não víram água, nem escôva, com a agravante de nêle andarem obras que diariamente o emporcalhavam, e não a víram, não por culpa nossa, mas... «do fado mau fortuna escura, sendo só providência de deus pura» como diz o nosso grande épico.

— Eis, a largos traços, para não cançar a vossa benévola atenção a história do progresso material dêste liceu.

Aos progressos materiaes, porém, *alguns* moraes, intellectuaes e educativos correspondêram, mas são, realmente, ainda de tão pequeno vulto que difficil se torna apresentá-los já, em schema perfeito e acessivel á comprehensão de todos os presentes.

Uns respeitantes ao aproveitamento outros á disciplina, ambos concorrentes, é certo, para o desenvolvimento integral dos alunos, mas todos, infelizmente, apenas inseritos no capitulo dos infinitamente pequenos.

Dois únicos factos se encontram nêste capi-

tulo, dignos de menção especial: A *Ave rara distincto*, que desde 1913 havia abandonado estas paragens, reapareceu, e o prémio de 30 escudos, generosamente creado em 1908 pela Ex.^{ma} Direcção da Caixa Económica de Aveiro para comemorar o seu 50.^o anniversário e denominado Governador Civil Nicolau Anastácio Betencourt, encontrou, pela segunda vez em sete anos, dois concorrentes.

São ães os alunos Mário Correia Teles de Araujo e Albuquerque e Manuel dos Reis que, no exame da 2.^a secção do curso geral d'este liceu, obtiveram a classificação de 16 valores — distincção.

A ambos poderia o Conselho Escolar ter tido a satisfação de conferir o referido prémio, visto que, não tendo sido conferido nenhum no ano anterior, tinha dois á sua disposição, mas o mau procedimento do aluno Manuel dos Reis, exarado em dois períodos do livro de registo de frequência e a sua irregular conduta escolar, excluíram-no, visto que o regulamento, para a concessão do referido prémio de 30 escudos, exige que a aplicação distincta se doure com o procedimento irrepreensível.

De direito, pois, as minhas mais lisongeiros palavras, os meus mais calorosos elogios, as minhas mais sinceras felicitações, nesta sessão, pertencem ao aluno Mário Correia Teles cujo nome vai, pela segunda vez, ser inscrito no quadro de honra do liceu e cujo *retrato* vai, hoje, ser colocado na Sala do Conselho ao lado do dos alunos Francisco Ferreira Gomes e José Marques da Silva que em 1915 merecêram igual distincção.

Mas, conferindo-lhe este prémio, aproveito o ensejo para lembrar a todos os alunos que este estimulante se transforma em veneno perigosis-

simo, quando abre a porta ao desvanecimento ou sugere a enganadora crença de que os louros alcançados podem suprir esforços futuros.

Um diploma de distinção constitui a quem o recebe na obrigação de ser bondoso, modesto e trabalhador, convencendo-se de que mais subido é o merecimento dos que progridem pelo seu esforço do que o dos que se impõem pelas suas faculdades naturais.

Não estando ainda elaborada a estatística do movimento liceal do ano findo não posso, neste momento, apreciar com exatidão, os resultados da frequência nas duas secções do curso geral, e, por isso, deixarei o passado e falarei um pouco do futuro.

bibRIA

E especialmente aos que entram, aos 88 alunos que pela primeira vez subiram essa larga escada de granito que agora vou dirigir-me.

E preciso que considereis que não são só as distinções de que, com tanto calor, vos acabo de falar que tornam estimados os alunos. Muitos alunos ha, cujos nomes não figuram no quadro de honra e a quem não são conferidos diplomas de distinção, que se distinguem pela sua dedicação ao instituto, pelo equilibrio das suas faculdades, pela sua perseverança, pelo seu esforço para se educarem.

A esses, que são o maior número, vou indicar, resumidamente, os seus principais deveres cujo cumprimento lhe dá o direito de se considerarem dignos da escola.

Acham-se esses deveres claramente determinados nos *mandamentos do bom aluno* feitos pelo

ilustrado reitor de um dos liceus de Lisboa, mandamentos que muito conveniente seria que fixassem profundamente na memória os alunos do liceu de Aveiro—aos quais constantemente tem sido preciso recordar nos passados anos, que vieram ao liceu para se educarem.

Eis os mandamentos:

O bom aluno do liceu ama a sua escola e contribui quanto pode para que ela se aperfeiçoe. — O liceu não é apenas um edificio, onde o aluno vem receber lições que pode repetir pelos livros. O liceu é uma corporação formada por alunos dirigidos por professores, tendo um reitor por chefe e empregados por auxiliares. Cada uma destas entidades é, de per si, impotente para realizar os fins da escola; esta obra é ao mesmo tempo de todos e todos são solidários na sua execução.

O bom aluno respeita a casa do liceu como a sua casa. — O edificio do liceu pertence ao Estado, e o Estado cede-o à corporação liceal, de que os alunos fazem parte, a fim de que dêe-lhe uso conveniente aos seus fins educativos. Assim, o aluno deve descobrir-se respeitosamente dentro do edificio do liceu, não deve sujar nem riscar ou deteriorar por qualquer outra forma as paredes, os móveis ou o material de ensino. Se o fizer, desfalca os bens da corporação a que pertence, bens que representam o produto do suor dos que trabalham, e constitui-se por isso no dever de pagar os estragos que fez.

O bom aluno sabe respeitar os seus mestres e obedece-lhes sem subserviência. — Os professores exercem uma função superior, uma espécie de direcção espirital, que tem de ser olhada com respeito. Os alunos devem-lhes obediência, não uma obediência cega, passiva, como de cadáver, mas uma obediência raciocinada que se funda no convencimento de que obedecem para se conseguir a disciplina escolar. O espirito de insubmissão é incompativel com a educação na escola. O espirito de subserviência é uma baixeza moral da pior espécie.

O bom aluno respeita a sua integridade moral e a dos seus companheiros. — Evita os vícios e as más leituras e as más companhias e as más ocasiões que geram os vícios, e não proporciona aos outros as más leituras, nem as más compa-

nhas, nem as más ocasiões de se perderem. O mau livro é um veículo de veneno moral. Lê-lo é acção má, empréstá-lo é acção pior. As más companhias são a principal fonte de perdição para a mocidade. O bom senso, a inteligência e a bondade de cada um revela-se na escolha que faz das suas companhias. A principal ocasião de contraír o vício é a ociosidade.

O bom aluno respeita a sua saúde e procura ser forte e bem equilibrado, sob o ponto de vista físico. — Carecemos de ser saudáveis e fortes por nós, pela família que poderemos constituir, pela Pátria que nos cumpre defender, pela Humanidade, para cujo aperfeiçoamento nos cumpre contribuir, pela Natureza, com cujos altos intuitos nos devemos identificar. Há vícios que arruinam a saúde.

O uso do tabaco é particularmente funesto aos rapazes novos, é para elles um tóxico, que lhes diminui a memória e enfraquece o cérebro. O melhor meio de evitar os vícios da mocidade é a cultura física bem dirigida.

O bom aluno não mente, não denuncia, nem consente que a outrem sejam atribuídas culpas que lhe pertençam a ele. — A mentira é sempre uma cobardia, a denúncia inculca alma sem nobreza; grande cobardia moral é admitir alguém que um companheiro ou um grupo de companheiros sofram castigo por delito que êle cometeu. A queixa contra um companheiro perseguidor pode ser indispensável à legítima defesa, mas o recurso a ella deve ser cuidadosamente estudado por cada um, a fim de evitar que se use dela inconvenientemente. Os que praticam furtos ou desonestidades estão fora de toda a solidariedade; ninguém deve hesitar em queixar-se dèles quando não se corrigem.

O bom aluno aproveita solícitamente todos os meios que o liceu lhe proporciona para se educar. — Acompanha as lições e revê-as cuidadosamente em casa. Tem os seus livros bem limpos e aceados. Completa os trabalhos das aulas com a observação de tudo quanto se lhe depara. Concorre ás visitas de estudo e ás excursões escolares, que são o melhor meio de desenvolver o espírito de observação e de alargar os seus conhecimentos práticos. Dedica-se metódicamente a todo o género de cultura física compatível com a sua idade, como o melhor meio de formar o carácter e fortalecer a vontade.

Dedica às boas leituras algum do tempo que lhe sobrar dos seus estudos ordenados e adestra-se nas artes de falar e

de escrever. Habilita-se a apreciar as manifestações artísticas, e èle próprio se dedica a aprender alguma arte para que tenha aptidões. Aperfeiçoa e educa os sentidos e aproxima-se mais da Natureza, amando os campos e os jardins, as árvores e as flores.

Todo o aluno que souber compreender e quizer praticar èstes salutareos preceitos terà como recompensa a consideração e estima dos seus professores factores indispensaveis para a consecução do fim que para aqui os trouxe.

Os que se não sentirem com disposição para os acatar melhor è que, immediatamente, mudem de rumo, aproveitando com vantagem em outro labôr -os nove meses que, inevitavelmente, aqui perderiam com desdouro para si e para os seus.

E' preciso que a *cabula*, que tão bem se tem aclimado aqui seja feita dura perseguição, elevando-se o conhecimento de todas as disciplinas a um nivel tal que obste a que este liceu seja vasadouro de toda a escória de outros.

E' preciso que os *maus alunos* se convençam de que, se dedicassem a um estudo regular—metade, apenas metade do tempo que perdem em escogitar os modos e meios de cabular impuneamente, — ficariam, sem favor algum, aprovados e até alguns distintos.

E, como vejo presentes alguns encarregados de educação, consintam que lhes peça que não contrariem em casa a obra educativa do liceu, com a intervenção de explicadores, que, substituindo-se aos alunos nos trabalhos de revisão, resolução de problemas e execução de exercícos, destroem todo o estímulo, iniciativa e trabalho pessoal.

Todo o trabalho deve ser feito nas aulas nas

primeiras classes, sob a direcção do professor. Não ha lições para estudar em casa.

O trabalho doméstico consiste na simples revisão do que na aula foi estudado, e na ordenação dos cadernos de exercicios, sendo inutil, senão prejudicial, a intervenção do explicador.

Para um outro ponto chamo tambem a vossa atenção — é para a repugnância que muitos alunos — quasi todos — e alguns pais manifestam pela educação fisica, procurando furtar-se a ella com mil pretextos futeis, sem se quererem lembrar do velho prolóquio «*mens sana in corpore sano*» que em portuguez quere dizer que a saúde da alma deriva da saúde do corpo.

Hei-de neste ano prestar-lhe a maior atenção, visto que o seu templo está a concluir-se e não é justo que tanta despesa fique improficua.

E a vós, senhores professores e queridos colegas, cuja presença aqui tem uma significação altissima, porque é um exemplo de respeito pela lei e uma prova evidente do vosso interêsse pela educação dos alunos, sem o qual a minha missão seria impossivel; peço-vos que, sôbre tudo, presteis especial atenção á formação e aperfeiçoamento do carácter dos alunos porque é issencialmente o carácter que faz o homem.

Um homem sem carácter é uma individualidade apagada, sem vontade, sem valôr e sem futuro.

Quantos homens perdem pelo seu mau carácter a consideração a que teriam direito pelo seu talento?

E pela falta de carácter que as sociedades se dissolvem, e, nos tempos calamitosos de abaixamento de caracteres, basta que um homem se mantenha de pé para que pareça um gigante.

E, agora que terminei a primeira lição do novo ano escolar, agradeço-vos com reconhecimento a benévola atenção com que me escutastes, e, para terminar esta solenidade, peço ao snr. P.^o Leitão, encarregado da educação do aluno Correia Teles, o favôr de descerrar a cortina que encobre o seu retrato, e a todos os que honraram esta festa com a sua presença, a fineza de me acompanharem nas palmas com que vou ter a satisfação de festeja-lo.

bibRIA



Alocução do Reitor na sessão solene de 10 de Junho

MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES,
CAROS COLEGAS,
E ESTUDIOSOS ALUNOS.

Foi-me recomendado, no ano pretérito, pelo ex.^{mo} Ministro da Instrução que, em 10 de Junho, aniversário da *morte* do *imortal* cantor das nossas glórias, encarregasse a um dos snrs. professores d'este liceu a elaboração de uma conferência demonstrativa do altíssimo valor dos Luzíadas, poema que, ao mesmo tempo que é um compêndio palpitante e verdadeiro do esforço, da heroicidade, do patriotismo e da fé de um povo, é a mais perfeita e completa síntese de uma brilhantíssima civilização.

Razões ponderosas obstaram a que a palavra fluente e erudita do colega, encarregado dessa honrosa missão, aqui se fizesse ouvir, e tive eu de suprir com os meus minguados recursos, que então se exibiram por imperiosa necessidade, essa falta que ainda hoje recordo com estas palavras de sentimento que, felizmente, neste ano, são uma *demasia*, por que, como se vai vêr e ouvir, não falta quem, com frase alevantada nos venha recordar êsse grandioso e delicioso sonho que Alcacer-Quibir rudemente epilogou, sonho que um incomparavel génio sal-

vou do esquecimento, derramando o em estrofes do mais encendrado patriotismo pelos mais remotos confins da terra.

Nêste ano quizéram os alunos dêste liceu associar-se a esta patriótica comemoração, colaborando nela ostensivamente, pelo que, depois de lhes deixar aqui expresso o nosso caloroso louvor, eu poderia e deveria mesmo remeter-me ao silêncio; mas, já que me cabe a honra de abrir esta sessão, consinta-se-me que, sem pretensões de lhe recrescer o brilho, pois para isso me falta merecimento, embora me sobeje vontade, também queime no turíbulo algumas minguidas parcelas do meu pobre incenso.

MINHAS SENHORAS,
E MEUS SENHORES:

Os povos, como as famílias, como os indivíduos, tem períodos de deslumbrante prosperidade, ou de acabrunhante desdita, que uns aos outros se sucedem, como os dias se sucedem às noites e os filhos aos pais, produto forçado de qualidades ingénitas que variadissimos factores géram, resultado fatal da sua boa ou má orientação.

Este viçoso cantinho de terra que o esforço hercúleo de um grande príncipe conseguiu, ha quasi oito séculos, subtrair a visinhos poderosos e inscrever com brilhantes caracteres no rol das nações da Europa com o nome *másculo* de Portugal, e que os seus sucessores engrandeceram, organisaram, consolidaram e estenderam pelos mais remotos confins da terra; êste fértil rincão que a bafagem do mar, de norte a sul, amenisa, que o frémito das ondas, de dia e de noite, acaenta, que os doirados raios do sol constantemente aquecem em primavera quasi perene, que a natureza, em suma, dotou com excepcionais condições de vida; êste povo simples que a crença cristã tornou homogénio e forte, que os azares da guerra concretizaram e endureceram, que o mar chamou para a *aventura* e que a *aventura* tornou grande, respeitado e *venturoso*; êste povo teve,

comô todos os outros povos, dias fastos e nefastos, épocas de esplendor e de decadencia, momentos de dôida alegria ou de angustioso sofrimento.

Com a ponta da valorosa espada escreveu-lhe o destemido e astucioso Afonso o nome no mapa da velha Europa; com a lira afinada e amorosa poliu o brando Diniz as asperezas da sua dura língua; com a inflexibilidade do seu character e resistencia do seu braço consolidou-lhe o 1.º João a independencia e abriu-lhe a porta para a expansão além-mar; com feroz tenacidade e tino maquiavélico engrandeceu o 2.º João, lançando as bases do seu futuro poderio, tornando-o temido e respeitado; e, com inveja de muitos e poderosos reis, o viu o 1.º Manuel chegar ao fastígio da glória, tornando-se em palpitant realidade o soinho sedutor de tantas gerações heróicas.

Tudo foi crescer até este momento venturoso, e, infelizmente, excepcional e passageiro, momento que, na vida mundial, teve uma tão grande significação e influencia que bastou para vincular, para sempre, o glorioso nome português a história da humanidade.

Foi uma época de grandesas tais e tantas que, hoje, se as não comprovassem padrões perduraveis e inconfundiveis, com facilidade se entraria na convicção de que as havíamos auferido e gosado em delicioso e estonteante sonho. Foi tão potente esse impulso que, ainda agora, a três largos séculos de distância, nos vai amparando na via dolorosa que atravessámos.

Mas para que me demorar mais na evocação desse passado brilhante e saudoso com que a nossa alma, sempre sonhadora, constantemente se enebria, fazendo-nos esquecer que, se para chegarmos a tal culminância se gastaram séculos, poucos anos bastaram para preparar a catástrofe.

Quem tantas riquezas desperdiçou já no reinado nefasto de João III esmolava empréstimos successivos em todas as côrtes que ainda, há pouco, deslumbrára; a corrupção desvirtuava as finas qualidades do character nacional, a população baixava a metade, os preços dos géneros triplicavam, a mendicidade crescia

assustadoramente e a fome batia-nos á porta, acompanhada da peste que completava a ruína!

Pervertidos pelo luxo, corrompidos pela peste e pelas doenças ultramarinas, embriagados pelo misticismo, despedaçados todos os tecidos vitais e todos os vínculos morais, estendemos, quasi sem resistencia, os pulsos ás algemas Castelhanas, e, em 25 de Agosto de 1580, de poderosos senhores nos convertemos em miseraveis escravos.

Dizer o que foram êsses sessenta anos de cativo é evocar todo um passado de vergonhas, de vexames, de ruínas e de protérvias; é narrar a história de um longo e aviltante martírio, expiação merecida e necessária para, no termo, entrarmos com honra no convívio das nações independentes.

Sessenta anos! sessenta interminaveis anos foram precisos para sacudir êsse abominavel jugo que uma longa série de erros, de fraquêsas e de crimes, artificiosamente nos preparou.

Mas, para nossa honra, são ainda os descendentes dessa raça forte que fundou o reino, devassou os mares e avassalou continentes; são ainda os descendentes dêsses Barões assinalados que, num sublime arranco de patriotismo, arriscando tudo, partem as duras algemas que nos arroxavam os pulsos, escrevem uma das páginas mais belas da história portugêsa e mostram ao mundo que o braço *a quem Neptuno e Marte obdeceram* ainda sustenta, com firmeza, o montante dos heróis de Aljubarrota.

E a quem se devem tais milagres de heroísmo? Que misteriosa força levou um tão peqeuno povo a tão desproporcionados e extraordinários cometimentos?

E' bem facil a resposta: foi o simples e natural impulso do mais nobre sentimento de que é susceptível o coração humano—o *amor da pátria!*

Esse sentimento mimoso e perfumado, êsse sentimento que o maior dos portugêses do século XVI, com tanto ardôr exaltou, deixando dêle eterno e veemente testemunho no mais vasto e sublime poema que o génio de um homem urdiu; êsse sentimento sublimado nunca, felizmente, se extinguiu em co-

rações portuguezes, nem mesmo nas horas de maior prostração e desalento.

E é, em grande parte, aos Lusíadas que, no dizer de um grande escritor, *são os deuses penates da nacionalidade portugueza*, que tal milagre se deve.

Foram os Lusíadas a pátria de João Pinto Ribeiro e de tantos outros nos tempos calamitosos da opressão, foi, lendo-os e comentando-os, que se criou essa alma privilegiada que nos arrancou ao cativo, e foi nessa *pedra monumental* que afiaram as suas espadas de combate os conspiradores de 1640.

Os Lusíadas — na frase exacta e vibrante de um escritor notável — celebram a pátria com todas as energias, com todos os característicos que a individualisam e assinalam: — as origens, a língua, a religião, a poesia, a história, a politica, a geografia, o solo, a paisagem, os temperamentos, as paixões, os mitos e as lendas.

E continua: pôde dizer-se que foi Camões quem criou a língua tal como ainda hoje ela se escreve e se fala, disciplinando-a, enobrecendo-a, dobrando-a a todas as formas, tornando-a um dos mais poderosos e dos mais belos instrumentos das literaturas modernas. A poesia, na forma culta e literária, foi elle que a tornou comprehensível e nacional, baseando-a na tradição do lirismo popular, libertando-a do convencionalismo clássico, dando-lhe os metros que mais quadram á locução vernácula, á fala, á cantiga, ao ouvido... escrevendo-a não para os eruditos mas para o povo.

MINHAS SENHORAS,

E MEUS SENHORES:

Pelo nosso esforço heróico criámos, é certo, um grande império, conquistámos um logar de destaque entre os povos civilisados, prestámos á Europa um relevantissimo serviço, libertando-a da fúria sanguinosa de Mahomet II, e affirmámos pela nossa aptidão e actividade o direito a uma existência autónoma

entre os povos civilizados; mas de tudo isso, de todas essas grandêsas nada restaria já, porque outros povos as tiveram semelhantes ou iguais e cobre-os o denso manto do esquecimento, se Camões não houvesse immortalizado sob a fôrma épica esse facto culminante da civilização dêsses tempos heróicos.

Sem essa maravilhosa epopeia resumo precioso de todas as influências intellectuais do seculo XVI, fecho admiravel e admirado com que a poesia universal encerra o periodo épico, sem ela, de tanta grandêsa, apenas restaria memória duvidosa em crónicas que só eruditos leriam.

Com ela a poetisada recordação das grandezas passadas continuou sempre a emocionar profundamente a alma portugêsa, não consentindo que o fulgor da grande imagem da pátria se velasse um só instante, perpetuando essa doce esperança de resurgimento que é, ainda hoje, incitante apanágio de todos nós.

É porque o amor da pátria é o sentimento mais natural, mais doce, mais duradouro e mais moralizador.

A pátria é o tesouro das nossas riquezas, dos nossos affectos, das nossas saudades e das nossas esperanças.

Foi o amor da pátria que venceu em Ourique e Aljubarrota, que nos deu Ceuta e nos levou á Índia, que escreveu as Décadas e os Lusíadas.

E é ainda o amor da pátria que aqui nos reúne hoje, concorrendo, na medida das nossas forças, para a obra de educação cívica, que, mais do que nenhuma outra, deve merecer os nossos disvêlos.

O amor da pátria não é uma concepção poética do nosso espirito, e, que o não é, claramente o demonstram, na tempestuosa hora presente, essa desgraçada Bélgica, essa atormentada Sérvia, esse cavaleiroso rei Alberto, cem vezes mais prestigioso agora que a corôa do sacrificio lhe cinge a fronte, essa nobre e heróica abnegação da França, essa tenaz, cruel e criminosa ofensiva dos impérios centrais, toda essa imensa coorte de assombrosos infortúnios que, abalando profundamente os alicerces

da velha Europa, despertaram todas as virtudes heróicas que se consubstanciam no amor da pátria.

Essa temerosa conflagração é um caro, duro e doloroso ensinamento para todos, e exige que nos unâmos num anseio de ordem, de solidariedade, de justiça e de amor, para que, terminada ela, não sejamos sepultados na colossal derrocada e possâmos sempre gritar com toda a força do nosso entusiasmo: — Viva Portugal!

Falaram depois os alunos Horácio Seabra, Américo de Oliveira e Eduardo Cancela da 5.^a classe, e recitaram poesias as alunas Maria Candida Rodrigues Ferreira da 1.^a classe, Herminia Rosa Dias Limas da 2.^a, Eduarda Miranda da 3.^a e o aluno Francisco da Silva Mendes da 2.^a, encerrando a sessão, com um brilhante discurso, o professor Agostinho Caetano Silvestre de Souza, discursos e recitações que não é possível reproduzir, porque alongariam muito este relatório.



bibRIA

Organisação e estatística

(Regimen de 29 de Agosto de 1906)

biblioteca

bibRIA

PESSOAL

Reitor

Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Fça.

Corpo docente

PROPRIETARIOS

✓ *Elias Fernandes Pereira, com o curso da Escola Médica do Porto, Professor do 5.º grupo e director da 5.ª classe.*

✓ *Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Fça, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 1.º grupo e director da 1.ª turma da 1.ª classe.*

✓ *Jose Rodrigues Soares, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 2.º grupo e director da 4.ª classe.*

✓ *Padre Manuel Rodrigues Vieira, Professor do 4.º grupo e director da 1.ª turma da 2.ª classe.*

✓ *Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa, Professor do 3.º grupo.*

✓ *Eduardo Silva, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 1.º grupo e director da 2.ª turma da 1.ª classe.*

✓ *Luiz de Brito Monteiro Guimarães, Bacharel formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, Professor do 5.º grupo e director da 3.ª classe.*

João Ferreira Gomes, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Professor do 1.º grupo e director da 2.ª turma da 2.ª classe. (1)

INTERINOS

Agostinho Caetano Silvestre de Sousa. (Alemão).

Antonio Felizardo. (Ginástica).

PROFESSOR JUBILADO

João da Maia Romão, com o curso da Real Academia de Belas Artes do Porto.

SECRETARIA

Secretário—Elias Fernandes Pereira, professor do Liceu.

EMPREGADOS MENORES

Porteiro—José do Nascimento Correia.

Continuo—Fernando de Sousa Maia.

(1) Auído ao Quadro, por transferencia do extinto Liceu de Amarante.

Ano lectivo de 1915-1916

Relação das faltas dadas pelo pessoal docente

Nomes	N.º de faltas	Mezes em que foram dadas as faltas	Motivo das faltas
Luiz de Brito M. Guimarães	Todos os dias de 5 a 23	Dezembro	Impedido no Parlamento
» » » » »	Idem 3 a 31	Janeiro	»
» » » » »	Idem 1 a 29	Fevereiro	»
» » » » »	Idem 1 a 31	Março	»
» » » » »	Idem 1 a 15 e de 25 a 29	Abril	»
» » » » »	Idem 1 a 31	Maio	Por doença
» » » » »	Idem 1 a 7	Junho	»
João Ferreira Gomes	uma	Março	Não justific.

bibRIA

Disciplinas que constituem o curso geral dos liceus
(1.ª e 2.ª secções),
sua distribuição pelas classes e horas de lição destinadas,
por semana e por classe, a cada disciplina

QUADRO I
Curso geral—1.ª secção

Disciplinas	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	Total
Português	5	4	3	12
Francês	4	3	3	10
Inglês ou alemão	—	4	4	8
Geografia e História	3	3	2	8
Sciências físicas e naturais	3	2	4	9
Matemática	5	4	4	13
Desenho	3	3	3	9
Educação física	23 3	23 3	23 3	69 9
	26	26	26	78

QUADRO II
Curso geral—2.ª secção

Disciplinas	4.ª classe	5.ª classe	Total
Português	3	3	6
Latim	3	3	6
Francês	2	2	4
Inglês ou alemão	3	3	6
Geografia e História	2	2	4
Sciências físicas e naturais	4	4	8
Matemática	3	3	6
Desenho	3	3	6
Educação física	23 3	23 3	46 6
	26	26	52

bibRIA

Organisação das classes

bibRIA

bibRIA

bibRIA

1810

Relação dos alunos da 1.ª classe (2 turmas)

Números	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Albino Domingues de Sá	Canelas	Estarreja	11
2	Amílcar Amador	Murtosa	Estarreja	11
3	Antonio da Costa Ferreira	Vera Cruz	Aveiro	12
4	Antonio Pereira S. Branco de Melo	Vera Cruz	Aveiro	10
5	Arnaldo Ribeiro da Graça	Alquerubim	Alb.ª a Velha	12
6	Eduardo Simões de Pinho		Ague da	13
7	Francisco José F. de M. P. Duarte	Lapa	Lisboa	10
8	Francisco Pinheiro Mourisca	Albergaria-	a-Velha	14
9	João Amador de Moura	Beduido	Estarreja	12
10	João da Cruz Pinto Cura Rachão	Vera-Cruz	Aveiro	10
11	Amr-deu de Lima Freire	Albergaria	a-Velha	13
12	João Machado Baptist	Alcena		11
13	João Pinto Barros de Miranda	Aveiro		15
14	João Simões Ferreira	Requeixo	Aveiro	17
15	Joaquim Maximo Brito Flores	Penafiel		10
16	Jorge Nogueira de Pinho	Angeja	Alb.ª a-Velha	10
17	José Augusto da Costa	S. João da Madeira	U. de Alameda	14
18	José Cachim Junior	Ilhavo		11
19	José Cardoso Cancela	Arcoz	Anadia	11
20	José Corrêa Pinto	S. José Balama	Guiné-Portuguesa	12
21	José Fernandes Matias	Ilhavo		11
22	José Lopes Rodrigues	Valega	Ovar	10
23	José Nogueira da Costa Branco	Gloria	Aveiro	11
24	José Pinto de Oliveira	Pará	Brazil	12
25	Luiz Pereira Cajeira	Ilhavo		14
26	Luiz Tavares Barata	Trofa	Agueda	11
27	Lutero Corrêa Rosa	Gloria	Aveiro	11
28	Manuel Augusto Simões Carrelo	Cacia	Aveiro	12
29	Manuel Inocencio Estrela Esteves	Vera Cruz	Aveiro	10
30	Manuel Machado Saldanha	S. Catarina	Lisboa	9
31	Manuel Pedro da Conceição Junior	Aveiro		11
32	Manuel de Oliveira	Gloria	Aveiro	12
33	Manuel de Figueiredo Paixão	S. Pedro	Trancoso	11
34	Manuel Baptista de Pinho	Aradas	Aveiro	13
35	Manuel Bernardo Balseiro	Ilhavo		11
36	Manuel Fernandes Borrelho	Ilhavo		13
37	Manuel Domingues Bizarro	Ilhavo		12
38	Carlos Augusto Pires	Felgar	Moncorvo	11
39	Moisés da Rocha Reinal	Matosinhos		13
40	Paulo Rodrigues Tavares	S. Lourenço do Bairro	Anadia	11
41	Traiano José Oudinot Larcher	Leiria		13
42	Alberto Catarino Nunes	Ilhavo		9
43	Aura Nunes de Oliveira	Gloria	Aveiro	
44	Casimira de Jesus Pereira	Ilhavo		12

Números	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Conceiho	
45	Conceição Martins da Silva	Cardigos	Maçãs	11
46	Flora Celeste de Pinho e Reis	Gloria	Aveiro	11
47	Izaura do Ceu Gravato	Murtosa	Estarreja	13
48	Izaura Maria Nunes de Figueiredo	S. Paulo	Brazil	13
49	Joana Pinto Bernardo	Gloria	Aveiro	13
50	Leopoldina Rodrigues Louro	Sé	C. Branco	13
51	Lidia Nobre Matans	Vera Cruz	Aveiro	11
52	Lucinda Lopes Moreira	Vale de Espinho	Salugal	12
53	Maria Amelia Dias Gomes Pena	Soutelinho da Raia	Chaves	12
54	Maria da Conceição Gaspar	Gloria	Aveiro	10
55	Maria da Conceição R. Trindade	Gloria	Aveiro	11
56	Maria da Gloria Ferrer Antunes	Esgueira	Aveiro	11
57	Maria Henriques	Gloria	Aveiro	14
58	Maria Henriqueta Amaro Lemos	Manaus	Brazil	15
59	Maria Madalena Martins e Silva	Miranda	do Douro	11
60	Maria Victoria da Anunciação	Vera Cruz	Aveiro	12
61	Vicenta da Conceição Fonseca	Ilha vo		11
62	Alfredo Henriques dos Santos	Gloria	Aveiro	12
63	Amadeu Fernandes Pereira	Ilha vo		11
64	João Fernandes Mattas	Ilha vo		12
65	Amilcar Melo	Palhaça	O. do Bairro	12
66	Antonio Aibano Ladeira	Santa Efigenia	S. Paulo, Brazil	13
67	Antonio da Cruz Barbosa	Aveiro		12
68	Antonio da Cunha	Messines		
69	Antonio Dias Pereira da Conceição	Vera Cruz	Aveiro	12
70	Antonio Marques Tenreiro	Gloria	Aveiro	11
71	Antonio da Silva Tavares	Gloria	Aveiro	14
72	Antonio Vieira Gomes	Gloria	Aveiro	12
73	Aristides Pereira Ramalheira	Ilha vo		11
74	Armando Nobre Matans	S. Vicente	F. Castelo Rodrigo	10
75	Augusto Dantas Penha Cerqueira	Santa Clara	Coimbra	11
76	Manuel Esteves Gonçalves Costa	Loure		
77	Francisco Antonio da Silva Valente	Murtosa	Estarreja	11
78	João Alves Ribeiro	Santa Clara	Coimbra	11
79	Hermínio dos Santos L. Moreira	Vale de Espinho	Salugal	10
80	Izauro de Oliveira Ramalheira	Ilha vo		13
81	João Alberto Pereira	Vale de Espinho	Salugal	17
82	Reinaldo Ferreira Canha	Brazil		12
83	Rubens Simões da Silva	Vera Cruz	Aveiro	12
84	Maria Candida Rodrigues Ferreira	Chaves		

Relação dos alunos da 2.ª classe (2 turmas)

Numerus	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Adelino Platão Mendes Bastos	Lisboa		10
2	Aida da Purificação Alves	Valença		15
3	Alda da Silva Gonçalves	Vera Cruz	Aveiro	12
4	Adolfo Geraldês	Escalhão	F. de C. Rodrigo	13
5	Albano Vidal Faca	Catumbela	Africa	13
6	Alexandre Magno Marques Pereira	Oliveira de Frades		13
7	Amancio Razoilo	Ilha vo		12
8	Ana de Oliveira Sousa	B. do Burgo	Loanda	16
9	Anibal Catarino Nunes	Ilha vo		11
10	Antonio de Almeida Silva e Cristo	Gloria	Aveiro	11
11	Antonio Cavaz	Ilha vo		15
12	Antonio Corrêa Gonçalves	Vagos		12
13	Antonio Ribeiro Sucena	Agueda		13
14	Antonio dos Santos Bem	Ilha vo		12
15	Antonio da Silveira	Coimbra		11
16	Antonio Simões de Pinho	Aradas	Aveiro	12
17	Antonio de Sousa Mala	Oliveira do Bairro		19
18	Baltazar Rodrigues Figueirinhas	Cambra	Vouzela	14
19	Candido C. Medina Vasconcelos	Praia	Cabo Verde	13
20	Carlos Vieira Tavares	Vera Cruz	Aveiro	17
21	Diogo A. J. L. P. de Melo Alvim	Paranhos	Porto	11
22	Diogo Vaz Couceiro da Costa	Befojos	C. de Bastos	11
23	Elias Gamelas de Oliveira Pinto	Vera Cruz	Aveiro	10
24	Elio de Freitas Sucena	Agueda		13
25	Ernesto de Almeida Neves	Sôza	Vagos	14
26	Fernando Domingues Magano	Ilha vo		10
27	Francisco José de São Marcos	Ilha vo		12
28	Francisco da M. R. Machado Junior	Vera Cruz	Aveiro	10
29	Francisco da Silva Mendes	Abraçãõ	Penafiel	12
30	Francisco Soares da Costa Gois	Vera Cruz	Aveiro	12
31	Herminia R. Dias Lima	St.ºo Velho	Lisboa	15
32	Horacio Augusto Velêz	Castelo	Branco	12
33	Ilda Gonçalves dos Reis	Guar da		13
34	João Martins da Silva	Aveiro		15
35	João Baptista Madail	Ilha vo		17
36	João Natalio de Pinho	Gloria	Aveiro	14
37	Joaquim Cardoso Pereira	Ilha vo		14
38	José Candido Mendes	Gloria	Aveiro	12
39	José Gomes de Almeida	Souzel		11
40	José Gomes da Silva Craveiro	Ilha vo		11
41	José Gonçalves Vilão	Ilha vo		11
42	José Joaquim da Costa Junior	Medelina	L.ª-Nova	11
43	José dos Santos Bartolomeu	Aveiro		15
44	Julio Nunes de Freitas Assis	Anjeja	A.ª-Velha	12

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Cncelho	
45	Julio Dias Gomes Pena	Santa Maria Maior	Chaves	14
46	Manuel Carvalho de São Marcos		Ilha vo	12
47	Manuel da Cunha L. A. Cardoso		Gou vêa	12
48	Manuel Francisco da Silveira		Ilha vo	17
49	Manuel Mendes Leite Machado		Gloria Aveiro	11
50	Manuel de Oliveira Barreto		Sôza Vagos	12
51	Manuel Pedro dos Santos		Ilha vo	13
52	Manuel Pereira Campos		Ilha vo	13
53	Maria da Apresentação Nordeste	Vera Cruz	Aveiro	12
54	Maria do Ceu da Silva Leal		O var	14
55	Maria da Conceição Fonseca		Ilha vo	13
56	Maria José Ramilho		O var	15
57	Olinda Migueis Bernardo		Gloria Aveiro	11
58	Silvina Gomes da Cunha		Ilha vo	13

bibRIA

Relação dos alunos da 3.ª classe

Numeros	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Alberto Faria de Queiroz	Vassouras	Brasil	17
2	Alvaro Tavares de Matos	Vila-Chã	Cambra	15
3	Angelica Lopes	Valega	Ovar	15
4	Angelo da Silva Peixe	Ilha	vo	13
5	Anibal Simões da Silva Trigueiros	Castelo	Branco	13
6	Antonio Augusto Cravo	Murtosa	Estarreja	13
7	Antonio Manuel dos Santos Pires	Felgar	Moncorvo	15
8	Armanda da Conceição Vieira	Gloria	Aveiro	13
9	Armenio Lafaiete F. de Sousa	Gloria	Aveiro	14
10	Augusto Gomes Tavares Santos	Valongo	Agueda	12
11	Augusto de Pinho Varela	Gloria	Aveiro	13
12	Belmiro Adelino Duarte Silva	Por	to	15
13	Branca Candida de Lima Peres	Vera Cruz	Aveiro	13
14	Camilo Soares de Pinho	O	var	17
15	Carlos da Naja Sarrazola	Vera Cruz	Aveiro	14
16	Eduardo Vaz Craveiro	Ilha	vo	12
17	Eurico Maria de Abreu Teles	Marrazes	Leiria	12
18	Fernando Dias de Sousa	Cepêlos	Cambra	15
19	Francisco Simões Cruz	Vera Cruz	Aveiro	15
20	Gabriel Roldão	Ilha	vo	16
21	Humberto Tavares de Matos	Castelões	Cambra	16
22	Ilda Gaspar Coelho	Ague	da	13
23	João de Oliveira e Silva	Vale Maior	A.ª-Velha	15
24	Joaquim Domingos de Lima Peres	Pi	nhel	13
25	Joaquim Francisco de Souza	Carregosa	Oliveira de Azemeis	15
26	Joaquim dos Reis	Gloria	Aveiro	13
27	José Candido Ferreira Jorge	Ilha	vo	14
28	José Simões Ruivo	Ilha	vo	13
29	José Maria Domingues Cravo	Mira		16
30	Julia Leite de Almeida Batista	Murtosa	Estarreja	12
31	Julio da Cruz Almeida Neves	Cêpos	Arganil	14
32	Manuel Maria Valente Mendonça	Valega	Ovar	14
33	Manuel da Costa Azevedo	S. T. de Riba U	Oliveira de Azemeis	15
34	Manes Nogueira Junior	Vera Cruz	Aveiro	15
35	Marçal Ferreira Seixas	M. do Vouga	Agueda	14
36	Maria Adelaide Aleixo	Vera Cruz	Aveiro	15
37	Maria Amelia Conde Rendeiro	Murtosa	Estarreja	12
38	Maria Eduarda de Barros Miranda	Avei	ro	17
39	Maria Natalia Malaquias Pereira	Ilha	vo	11
40	Ramiro Capêlo Ribeiro Cabral	V. Nova de	Ourem	13
41	Silvio Ramalheira	Ilha	vo	12
42	Virgilio Marques-Maduro	Mi	ra	18

Relação dos alunos da 4.ª classe

Números	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Concelho	
1	Abel Augusto Gomes de Almeida	Castelões	Cambra	14
2	Abilio Armando R. de Figueiredo	V.º do Bairro	Anadia	16
3	Ademar Dias Fernandes	Pará	Brazil	14
4	Alberto Nunes Rafeiro	Aradas	Aveiro	16
5	Alberto Lopes de Andrade	Frêches	Trancoso	16
6	Alfredo dos Santos		Piñhel	17
7	Alexandrina Rosa de Jesus Urbano	Vera Cruz	Aveiro	16
8	Alvaro dos Santos Esperança	S. M. do Porto	Alcobaça	16
9	Antonio Alberto Dias Costa	Esgueira	Aveiro	13
10	Antonio Luiz Moraes da Cunha	Gloria	Aveiro	14
11	Antonio de Sá Marta M. da Costa	Coimbra		14
12	Armando de Albuquerque Miranda	Albergaria	a-Velha	13
13	Arnaldo Francisco Pereira	V.º do Bairro	Anadia	17
14	Augusto Bilelo		Ilhavo	13
15	Carlos Barbosa da Silva Mesquita		Setubal	15
16	Francisco Batista Russo		Ilhavo	15
17	Francisco Gonçalves Andias	Gloria	Aveiro	16
18	Francisco da Maia e Moura	Eixo	Aveiro	15
19	Francisco Manuel Simões	Burço	Mogadouro	15
20	Jaime da Silva Portugal	Murtosa	Estarreja	14
21	José Braz Alves		Valença	13
22	José Estrela Brandão de Campos	Vera Cruz	Aveiro	16
23	José Ferreira Tavares Vidal	M. do Vouga	Agueda	14
24	José Joir de Noronha		Agueda	14
25	José Luiz da Cunha Barros	Pará	Brazil	15
26	Leonel Barbosa	Murtosa	Estarreja	21
27	Manuel Antonio Rodrigues	V.º do Bairro	Anadia	16
28	Manuel Augusto Carvalho	Gafanha	Ilhavo	13
29	Manuel C. G. Aires de Azevedo		Aveiro	14
30	Manuel Maria Valente Martins	Valega	Ovar	14
31	Maria Eulalia Balacó	Gloria	Aveiro	13
32	Maria Henriqueta Sarabando		Vagos	16

Relação dos alunos da 5.ª classe

Números	Nomes	Naturalidade		Anos de idade
		Freguezia	Cençelho	
1	Americo G. de Andrade e Oliveira	A. de Cima	Agueda	15
2	Amilcar Castanheira	Pe	nafiel	19
3	Angelina Ferrer Antones	Semide	M. do Corvo	15
4	Antonio Amaro Lemos	Gloria	Aveiro	16
5	Arnaldo Tavares de Carvalho	Gloria	Aveiro	17
6	Augusto Marques da Cruz	Albergaria	a-Velha	21
7	Bento Vilhegas Taborba	Canelas	Estarreja	17
8	Branca H. P. de L. V. de Carvalho	Pondá	I. Portuguêsa	15
9	Branca Nobre Matans	Al	meida	15
10	Carlos Alberto Galvão Simões	Figueira	da Foz	14
11	Edmundo Seabra Cancela	Arcos	Anadia	15
12	Francisco Albano de Melo	Ague	da	14
13	Francisco de Quadros Corte Real	Salreu	Estarreja	19
14	Francisco Ravasa Ventura	Vera Cruz	Aveiro	16
15	Horácio de Seabra Rodrigues	S. Fogueira	Anadia	21
16	João Randallo Vasco de Carvalho	Pondá	I. Portuguêsa	18
17	Jorge A. P. de L. V. de Carvalho	Pondá	I. Portuguêsa	14
18	José de Moraes Sarmiento	Gloria	Aveiro	17
19	José Rodrigues Seabra	Tampengos	Anadia	17
20	José dos Santos Malaquias	Ilhavo		14
21	Júlio Jorge Teixeira	Aveiro		16
22	Manuel Amaro Lemos	Manáus	Brazil	17
23	Manuel Cardote Freire	Esgueira	Aveiro	14
24	Manuel José Domingues Peres	S. Ildefonso	Porto	16
25	Olimpia Paula S. Tiago	Gloria	Aveiro	13

bibRIA

Movimento da frequência e seu resultado

CLASSES	Frequenteram				Excluídos de passagem ou de exame				Fizeram a classe ou a seção				
	Pela 1. ^a vez	Repetentes	Transferidos doutros liceus	Total	Transferidos para outros liceus	Por faltas	Por insuficiência de média final	Por outras causas	Total	Tiveram pas. ou foram adm. a exame	Em um ano	Em mais dum ano	Total
1. ^a	75	9		84	3	1	19	5	28	56	56	6	56
2. ^a	56	2		58	1	1	10	4	16	42	39	3	42
3. ^a	41	1		42		1	5	1	7	35			
4. ^a	39	1	1	41			9		9	32	31	1	32
5. ^a	23	1	1	25	4		3	1	8	17			
Totais	234	14	2	250	8	3	46	11	68	182	120	16	130

Resultados dos exames

Qualidade do exame	Admitidos a exame	Adidos ou excluidos			Aprovados ou admitidos					
		As provas escritas	As provas orais	Total	Com 10 valores	Com 11 valores	Com 12 valores	Com 13 valores	Com 15 valores	Total
ALUNOS INTERNOS										
1.ª secção	35	1	9	10	14	9	2			25
2.ª secção	17		2	2	10	2	1	1	1	15
Totais	52	1	11	12	24	11	3	1	1	40
ALUNOS EXTERNOS (Exames de secção)										
1.ª secção	17	2	3	5	10		2			12
2.ª secção	9		6	6	1		1	1		3
Totais	26	2	9	11	11		3	1		15
EXAMES DE ADMISSÃO À CLASSE										
A' 2.ª classe	16		1	1	9	5	1			15
A' 3.ª classe	7		1	1	6					6
Totais	23		2	2	15	5	1			21
EXAMES SINGULARES										
Francês, 2.ª secção	2					2				2
Sciências naturais, 2.ª secção	1					1				1
Matemática, 1.ª secção	1					1				1
Português, 1.ª secção	2					2				2
Totais	6					4	2			6

Liceu Central de Aveiro

: 1915-1916 :

ALUNA DISTINTA

em exame de 2.^a secção

bibRIA

Prémio de 30\$00 instituído pela Caixa Económica de Aveiro e intitulado

"Governador Civil Nicolau Anastácio de Bettencourt,,"

Angelina Ferrer Antunes

ALBINA DISTICA

bibRIA

ANGELINA FERREY ANTUNES

Receita e despeza

RECEITA

Alunos internos

Propinas de abertura de matricula em outubro	1:429\$00	
Propinas de renovação de matricula em março	1:327\$00	2:756\$00

Alunos estranhos

Propinas dos exames da 1. ^a secção	559\$00	
» » » » 2. ^a »	152\$00	
Propinas dos exames de admissão á classe	253\$00	
Propinas dos exames singulares	72\$00	
Dotação para expediente:		
Ordinaria	1:002\$09	
Extraordinária	440\$00	2:478\$09
		5:234\$09

DESPEZA

Pessoal efectivo: professores, reitor, secretário e guardas	6:325\$10	
Prof. interino da secção de Sciencias	514\$84	
» » » » » Ginástica	168\$66	
Serviço extraordinário	1:499\$70	
Gratificação pelo serviço de exames em julho	373\$00	
Gratificação pelo serviço de exames em outubro	117\$74	
Expediente	1:300\$10	10:299\$14
Deficit		5:065\$05